

Conhecendo um pouco da epopéia italiana em terras gaúchas

Em 1870, a Itália conseguia sua unificação, fortalecendo o capitalismo. O Norte da Itália ingressava no campo industrial e o Sul, agrícola, continuava na pobreza e abandono, onde os colonos tentavam sobreviver em suas pequenas glebas de terra, tirando o suficiente para sua parca sobrevivência. Aliás, esta era uma realidade para todos os agricultores italianos de norte a sul.

Como seria bom se eles pudessem ter mais terras férteis, onde pudessem conquistar sua independência, liberdade e autonomia familiar.

Este sonho parecia aproximar-se quando o Governo Imperial brasileiro decidiu dar continuidade à colonização do sul, inspirado talvez no êxito da colonização alemã, cinquenta anos antes (1824) em São Leopoldo – RS.

Em 03/06/1874, pela Lei nº 3.784, Joaquim Caetano Pinto Junior comprometeu-se com o imperador D. Pedro II em trazer 100 mil imigrantes em 10 anos para o sul do Brasil (com exceção da Província do Rio Grande do Sul), os quais poderiam ser alemães, austríacos, suíços italianos do norte, bascos, belgas, suecos, dinamarqueses e franceses, agricultores sadios, nunca com menos de 02 anos e nem maiores de 45, salvo os chefes de família. Joaquim Caetano instalou seu escritório de “recrutamento de imigrantes” em Paris. Espalhou pela Europa panfletos de propaganda, com muitas promessas tentadoras. Com isto iniciou-se um verdadeiro êxodo, principalmente de italianos, para o sul do Brasil.

A primeira expedição trentina foi a de Tabacchi, saída em 03/01/1874 do porto de Gênova, num total de 184 pessoas, num navio a vela “La Sofia” e fundaram a colônia Nova Trento no Espírito Santo, dada em fracasso absoluto.

Em seu livro “Vencer ou Morrer” Renzo Grosselli, pp 182, diz: “até maio de 1878 ingressaram no Brasil 35 mil italianos e tirolezes”. Quando em 20/09/79 uma lei suspendia os auxílios nas colônias.

É importante salientar que estes imigrantes vindos sobretudo de Trento e outras regiões do Norte da Itália estabeleceram-se sobretudo na região de Rio dos Cedros, Rodeio, Rio Ada, Alto dos Cedros, Alto Pomeranos, Jaraguá do Sul e outros....

Enquanto isso os italianos do Sul da Itália começaram a vir para a Província do Rio Grande do Sul, incentivados pelo Governo Geral o qual abriu as colônias de Conde d’EU (atual Garibaldi) e Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), nos anos de 1875-76.

Ainda em 1875 foi fundada a colônia chamada “Fundos de Nova Palmira” e rebatizada em 1877, com o nome de “Colônia Caxias” que se tornaria o centro da colonização italiana do RS. Sendo que o primeiro grupo de imigrantes italianos veio para o RS em 1875 estabelecendo-se em Nova Milano.

A PROPAGANDA DOS PIONEIROS AOS COMPATRIOTAS

Os primeiros colonos instalados no Brasil escreviam a seus parentes na Europa dizendo: “Venham o quanto antes”. Paulo Rossato, um dos primeiros colonos do Garibaldi – RS escreveu aos pais dizendo: “Tratem de vir o quanto antes possível. (...) A posição é boa, os ares são melhores que na Itália, é boa a água. Haveria uma colônia próximo à minha. Se pensa em vir, trate de escrever-me quanto antes, que lhe reservo a terra”. (op.cit.19-

20).

O QUE TRAZER DA ITÁLIA

Os primeiros imigrantes nem sempre traziam o que realmente seria importante e necessário. Por isso escreviam aos seus familiares, que quando viessem para o Brasil trouxessem uma lista de coisas, pois aqui tudo era muito caro, por exemplo, um machado custava 10\$000 réis.

- Ferramentas: podões, enxadas, machados, facas, instrumentos de carpintaria.
- Mudas: Figueiras, roseiras, parreiras, cerejeiras, damasqueiras, videiras da uva "niagara", "xebido", "docana", "corbina".
- Sementes: acácia, espinhos brancos (para fazer cercas vivas), oliveiras, noqueiras, ameixeiras.
- Objetos pessoais: Brincos, Lenços brancos (como véus para ir à missa), copos, relógio, garrafas, tigelas, pratos, lampiões, colchões de pena, azeite, rum, biscoitos, sombrinhas e diversas outras roupas.
- Máquinas: tubos para fazer velas, máquina de fazer macarrão, caldeirão de lavar roupa, rodas de carreta para bois, senão os ferros para fazê-las aqui....

AS TRISTES LEMBRANÇAS DA VIAGEM

Para muitos imigrantes, a viagem à América tornou-se na verdade uma viagem de desgraça.

Conforme relatos, quando os passageiros eram atingidos por alguma doença, como por exemplo, a varíola, para abreviar-lhes o sofrimento e impedir a contaminação de outros passageiros, os doentes eram envolvidos em lençóis e jogados vivos no mar.

Os navios eram apinhados de gente, como dizia o imigrante italiano Luigi Toniazzo em 03/04/1893: “Naquele bendito vapor, éramos mais de duas mil e quinhentas pessoas, ocupando a terceira classe, apertados como sardinhas em latas. (...) pela manhã de 3 de maio, Deus nos fez enxergar a costa do Rio de Janeiro”. (Op.cit,25)

Aqui é importante observar que Luigi Toniazzo partiu de sua cidade natal no dia 31/03/1893, chegando a Porto Alegre no dia 21/06/1893 com seus dois filhos Ambrósio (7 anos) e Dante (5 anos), deixando sua esposa Cristina com 4 filhos na Itália. Dois anos mais tarde, ela veio juntar-se ao seu marido, morrendo porém no caminho uma de suas filhas sendo jogada nas águas da lagoa dos Patos – RS.

Nos barracões dos imigrantes, as doenças e epidemias tornavam-se verdadeiras calamidades.

Situações tristes como estas e outras, eram freqüentes entre os imigrantes. Mas, por mais dolorosa que fosse a situação, jamais ele desanimaram e agradeciam a Deus pela nova terra e a liberdade de poder viver e cultivar o que é seu.

AS FASES DA COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Podemos identificar cinco fases diferentes:

1 - Entre 1875-1884 para as colônias de: Nova Milano, Caxias, Dona Matilde e Conde d'EU, que além dessas engloba as seguintes cidades atuais: Farroupilha, Flores da Cunha, São Marcos, Bento Gonçalves, Garibaldi e Carlos Barbosa.

2 - Entre 1884-1894, para Antonio Prado e Alfredo Chaves englobando as cidades atuais de Veranópolis, Nova Prata e Nova Bassano.

3 - Entre 1892-1900, para a colônia de Guaporé, englobando as cidades atuais de Casca, Muçum, Marau, Serafina Correa, Encantado e Nova Brescia.

4 - Entre 1880-1920 - Migrações internas na região de colonização italiana em geral.

5 - Migrações internas para o Alto Uruguai e para outros estados, especialmente Santa Catarina e Paraná (1910).

A QUESTÃO DA PROIBIÇÃO DA LÍNGUA

Durante a campanha de Nacionalização do Estado Novo na década de 40, proibia-se aos italianos, alemães, poloneses e outros imigrantes, falarem sua própria língua. A "fiscalização da linguagem" executava-se mais nas cidades. Por isso os imigrantes cada vez mais restringiam-se às suas glebas de terra, com medo da prisão e do castigo policial.

Tudo isso teve suas conseqüências pois a proibição de falar e seu dialeto italiano passou e os agricultores foram forçados a falar o português. Com isto se integraram mais rapidamente à cultura brasileira.

Mas é bom ressaltar que o governo, além de ter jogado os imigrantes no fundo de suas glebas, desconhecia-os completamente, desconhecia sua única ideologia de trabalho e honestidade, considerando-os um possível atentado a unidade nacional, e que na realidade não tinha nenhum fundamento.

A IMPORTÂNCIA DA TERRA E DA FAMÍLIA

Os imigrantes agricultores tinham orgulho de possuir seu pedaço de terra e poder passar essa herança para os filhos. Como dizia André Domingos, um agricultor italiano: "Eu estou aqui, pobre, com minha terra e minha família, (...) mas estou mais feliz porque tenho minha terra, minha terra e minha família, consegui dar um pedaço de terra para meus filhos. Posso agora morrer, com a consciência tranqüila" (op. cit, 18)

O ser pobre, aqui se deve ao fato de que o agricultor, pensa assim de si por ser agricultor: e porque é muito explorado e quase nunca é chamado a participar das decisões de diálogo constante com a natureza, fazendo do trabalho o prolongamento do seu lar.

É preciso rever esse conceito de pobreza na nova consciência da cosmocisão rural.

Quantos agricultores, iludidos pela prisão da cidade, vendem suas terras e perdem, para sempre, a liberdade e a sabedoria da vida rural.

A RIQUEZA EXISTENCIAL DOS IMIGRANTES E SEUS DESCENDENTES

Após 130 anos da vinda dos primeiros imigrantes, ainda se pode constatar nas comunidades de descendentes de várias etnias a pureza inicial dos costumes e preconceitos antitecnológicos por parte de muitos que afirmam: "O mundo vai mal, porque os homens fazem guerras, vão a luta, tem ódio uns para com os outros, ou que os alimentos perdem o sabor, quando se põe adubo químico no solo, ou que o alimento cozido nas antigas panelas e nos fogos livres, a lenha, são de melhor sabor que os cozidos no fogão sofisticado ou no fogão à gás".

Se tantas riquezas ainda existem na vida dos descendentes, deve-se apenas ao fato de ainda não terem sido de todo contaminados pela pseudo cultura atual.

O grande passo a ser feito pelas escolas e universidades é propiciar ao homem interiorano consciência de riqueza que é detentor e que o Estado não precisa de seu trabalho na cidade, mas precisa de sua experiência de vida, diferente da experiência de vida da cidade.

Nesta experiência de Antropologia Física, deparam-se os valores fundamentais do cotidiano. Valores onde a cozinha e o fogão são o centro do lugar familiar e que fazem da noite o momento importante de reflexão, de revisão, de integração espiritual e psicológica da experiência cósmica de cada dia: sol, chuva, geada ou garoa, animais domésticos, plantas, acontecimentos do trabalho são comentados, problemas da experiência com a terra são debatidos, dores de costado, de cabeça, de barriga são identificados e sanados com a medicina caseira e os chás da vovó...

Esta experiência é levada pelo homem do campo para a família maior que é a sociedade da capela, da escola ou da venda, continuidade natural e extensão da vida familiar.

O imigrante agricultor pode dizer-se o inventor da mais plena forma de lazer, fundada na pessoa e não nas atividades ou habilidades, supostamente recreativas.

O lazer de conversar, de contar a própria vida, de exagerar nos causos para empolgar, de mentir abertamente, com a certeza de que ninguém acreditaria, mas todos ficariam mais divertidos e alegres. Era o homem despido de instrumentos para a recreação e o lazer, onde serviam e foram suficientes os próprios "papos" baseados no trinômio - Trabalho - Família e Comunidade. Trinômio integrado para um homem espontâneo e desnudamente feliz.

A RIGIDEZ DA EDUCAÇÃO

Primeiramente é preciso distinguir Educação de Ensino. O ensino abrangia conhecimentos ministrados pelo(a) professor(a). A Educação consistia em seguir determinados comportamentos e evitar outros. Para os imigrantes e seus descendentes a educação tinha uma certa comparação com o adestramento de animais quando pequenos. Assim também à criança se deve ensinar a obedecer, a trabalhar e a ser leal desde pequena, de acordo com o ditado: "É de pequeno que se troce o pepino." Os comportamentos a serem reprimidos, envolviam geralmente, o castigo físico: o tapão, a vara de marmelo, ameaça de privar da comida. A escola trazida isso para a palmatória, ajoelhar-se sobre grãos de milho, ficar de pé contra a parede... Andar descalços pelas estradas, roças, mesmo com frio, geadas e neves, era sinal de valentia e saúde. No sistema alimentar, todos deviam comer de tudo, mesmo que isso custasse grandes sacrifícios (por não gostarem).

O sacrifício físico do trabalhador, das viagens e a punição física, eram formas que na psicologia existencial, fariam com que se valorizasse mais o produto do trabalho e no caso do castigo físico, que se evitasse o comportamento indesejado e tornasse a pessoa consciente de seus deveres pelo resto da vida.

ARTESANATO, PROLONGAMENTO DA NATUREZA

Os imigrantes e seus descendentes seguiam muitos critérios práticos e ecológicos:

A observação da rotação do sol para que as plantações não se localizassem em lugares insalubres, onde não bate sol;

O declive do solo para o estabelecimento da moradia e da cantina caseira;

A proximidade da residência de algum riacho ou um forte veio de água.

A RESIDÊNCIA RURAL

- A casa feita de tábuas de pinheiro rachadas, falquejadas, serradas a mão, (mais tarde em serrarias). A cozinha separada do restante da casa para evitar possíveis incêndios, já que o fogo ficava permanente aceso.
- Pequenas construções eram feitas em volta da casa: abrigo para as aves, para suínos, para bois, terneiros, para vacas leiteiras, para cabras e ovelhas, para cavalgadas...
- Desde o início já eram feitas algumas casas de tijolos bem como algumas igrejas. Os tijolos eram feitos a mão, secados ao sol ou cozidos em covas profundas com fogo de nós de pinho. O barro para o assentamento das casas ou igrejas, era pisado com os pés. Muitas vezes depois de cavar o barro, jogava-se água e eram espalhados grãos de milho para que os porcos, comendo o milho, fizessem o primeiro pisoteio. E quando não havia água, os colonos doavam vinho para fazer o barro para o igreja, já que havia vinho em abundância. É o caso da Igreja Nossa Senhora das Neves em Bento Gonçalves, situada numa colina, longe de qualquer rio ou fonte. Por isso surgiu o ditado que: "Anca i santi e squázi anca el signore i se gá inciuchio com tanto vin". (Até os santos e o Senhor ficaram bêbados com tanto vinho).
- *Tanto as folhas de milho como as de trigo pertencem à indústria artesanal. As do milho para cigarros de palha e as folhas de trigo para chapéus, bolsas e cestas feitas pelos colonos.

A MEDICINA CASEIRA E A ANTROPOLOGIA FÍSICA

As plantas medicinais eram identificadas pelo perfume e pelo aspecto físico. A planta era testada e pelos seus efeitos benéficos tornava-se da nobreza vegetal, respeitada, não capinada como as demais.

O mesmo acontecia com as benzedoiras de cobreiros, torcicolos, verrugas, triza... Havia uma conotação antropológica na benzedura. O toucinho por exemplo com que eram besuntadas as verrugas, devia ser colocado pelo paciente debaixo de uma pedra, no

caminho de regresso à própria casa. Tão logo as formigas o tivessem devorado, o paciente estaria livre das verrugas.

A marcela fazia efeito terapêutico, recolhida na sexta feira santa, antes do nascer do sol.

Os ramos de oliveira, bentos nos domingos de ramos, queimados à janela em dias de tormenta, acalmariam as tempestades.

O trigo teria boa safra, nos anos em que as noites de Natal fossem límpidas.

É preciso salientar que, por falta de recursos técnico-medicinais bem como pela distância em se obter um médico, os colonizadores apropriavam-se dos conhecimentos populares tanto para buscar remédios caseiros como para efetuar partos e pequenas cirurgias. Tais conhecimentos passavam de pai para filho como um ritual onde a crença pura e simples estava acima de qualquer suspeita maléfica que tais medicamentos pudessem acarretar.

A RELIGIÃO E SUA TRADIÇÃO

A religião dos imigrantes e seus descendentes sempre esteve cercada por uma cosmogonia particular, cheia de tradições e superstições.

- Os chamados lugares amaldiçoados pelos padres, embora as pessoas não tivessem nada com isso, mas a localidade em si, não progredia.
- Os mortos apareciam como fantasmas, sobretudo aqueles que foram mortos em brigas, ou os que faleceram abandonados pelo caminho.
- Os cemitérios são lugares de freqüentes aparições de defuntos.

Tais fenômenos não passam de imaginação popular, conseqüência da convivência com os entre queridos e do vínculo estabelecido entre eles.

Os colonizadores e seus descendentes viam a força do Deus vingador na tempestade, no trovão, no raio, no fogo, nas enchentes, que por vezes devastadas matas e plantações.

Nestes momentos o que salvava era a devoção a um santo muito poderoso e a devoção às almas do purgatório.

As almas do purgatório eram ótimas intercessoras junto a Deus porque como futuras habitantes do céu, aqui na terra, já experimentaram o terror das secas, das pestes, das tempestades, das carestias...

A igreja católica tentou acabar com essas crenças, porém os descendentes de imigrantes italianos, alemães, poloneses... mantêm as devoções e superstições primitivas.

O imigrante sempre via Deus como o grande manipulador da natureza em favor ou contra o homem, dependendo do seu bom ou mau comportamento. As grandes calamidades sempre tinham como razão, a infidelidade dos cristãos. Então era necessário fazer penitências, procissões, novenas, e pedir a intercessão de um santo poderoso como: Santo Antônio, São José, Nossa Senhora de Lourdes, de Caravágio...

Os imigrantes e seus descendentes, tinham os seus lugares sagrados: as igrejas, as capelas, as grutas, as ermidas, os capitéis, os cemitérios, os lugares de acidentes onde se erguiam uma cruz ou um nicho a algum santo para despertar respeito e veneração.

As procissões eram motivos de promessas especiais, os promitentes se propunham: fazer longas caminhadas a pé, muitas vezes descalços, subir escadas e andar de joelhos, fazer jejum, pagar esmolas. Tudo isso porque: "É necessário fazer penitência para que Deus me perdoe".

Geralmente se acreditava que Deus castigava os maus com doenças que eram na realidade para que a pessoa se purifique dos seus pecados. Tanto os imigrantes como seus descendentes tinham uma certeza: "A saúde corporal é o grande dom de Deus e a doença é o grande castigo, porque aquela significa gastos e miséria, porque impossibilita de trabalhar".

A bênção dos e a unção das casas tinha um significado incomparável. Todos queriam ser atingidos pela água benta que o sacerdote lançava sobre o povo.

A bênção das casas significava a visita do próprio Deus. O padre deveria aspergir todas as salas, os quartos e repartições, assim como as estrebarias, galinheiros... enfim todos os abrigos dos diferentes animais.

Para saúde dos homens e dos animais, fazia-se benzer reservas de água, açúcar, sal, farinha e outros víveres que eram adicionados, em pequenas quantidades, aos alimentos. Assim os elementos bentos conservavam o sinal da presença física do poder de Deus.

Também era cultivada a bênção do pãozinho de Santo Antônio com diferentes finalidades. Diziam: "Sempre buscamos o pão de Santo Antônio e sempre tudo nos correu bem".

Também não podemos esquecer o costume da bênção da garganta, em vigor até nossos dias, no dia de São Brás, liturgicamente celebrado no dia 3 de fevereiro, e que tinha um profundo significado, devido as intempéries que o lavrador sofria em dias de sol, calor, chuva e frio.

Todas essas devoções tendem a superar o tempo e vencer as barreiras da aculturação.

Diante desta devoção cósmica dos imigrantes, cabe uma reflexão: Deus lhes transparecia pela natureza que o homem atual pouco fala, porque vive outras preocupações ou porque perdeu a sensibilidade da contemplação do Artífice Supremo.

Para o agricultor desprovido das seguranças técnico-científicas era razoável rezar pelo seu boi, seu cavalo, as plantações, para pedir chuva, o bom tempo...

Pode parecer meio incoerente, mas orar não será, acima de tudo, sair da própria coerência, crer e esperar além do próprio alcance, transcender-se e transcender o mundo, unindo-se a Deus???

Fonte – O livro "Assim vivem os italianos"

Autores: Arlindo Iracir Battistel e Rovílio Costa